

# AS ORIGENS DO REI ARTUR, SEGUNDO THOMAS MALORY: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FEMININO NA PROSA DO SÉCULO XVI

*THE ORIGINS OF KING ARTHUR, BY THOMAS MALORY:  
CONSIDERATIONS ABOUT THE FEMININE IN THE  
PROSE OF THE SIXTEENTH CENTURY*

Marcia Maria Medeiros<sup>1</sup>

**RESUMO:** Thomas Malory é uma das mais representativas figuras da literatura inglesa, pela contribuição que sua obra em prosa representa para a literatura mundial. O texto de Malory recria o ambiente do romance de cavalaria em um momento histórico no qual o fenômeno da cavalaria já havia visto seu ocaso. *La muerte de Arturo* revela além da prosa eloqüente de seu autor, que o mesmo possuía um enorme conhecimento em relação aos romances de cavalaria anteriores ao seu texto, os quais se encontram compilados e rearranjados em sua obra. Esse artigo pretende apresentar a questão das origens do rei Artur, analisando a condição feminina nesse processo.

**Palavras-chave:** literatura medieval; história medieval; mulheres.

**ABSTRACT:** Thomas Malory is one of the most representative figures of English literature, the contribution his work in prose is to literature. The text of Malory recreates the atmosphere of the novel of chivalry in a historical moment in which the phenomenon of the cavalry had seen its setting. *La muerte de Arturo* shows beyond the eloquent prose of the author, that it had a huge knowledge about the romances of chivalry to its previous text, which are compiled and rearranged in their work. This article aims to present the question of the origins of King Arthur, analyzing the status of women in this process.

**Keywords:** medieval literature; medieval history; women.

Quando Thomas Malory abre as cortinas que irão desvelar ao leitor ou leitora o universo do mundo arturiano segundo a sua releitura<sup>2</sup>, imediatamente se é brindado com a origem do rei Artur sendo que o autor, no Livro I Capítulo I de seu romance, revela que irá tratar primeiro de como Uther Pendragon enviou reclamações ao duque de Tintagel e a sua esposa Igraine, por sua súbita partida.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela PUCRS, Doutora em Letras pela UEL, trabalha com pesquisas na área de História Cultural, sendo seu foco de estudos as questões envolvendo a literatura medieval.

<sup>2</sup> Segundo Carlos García Gual, no prefácio da edição de *La muerte de Arturo*, lançada pela Editora Siruela, de Madri, Malory fez uma releitura de vários romances de cavalaria, entre eles os do ciclo arturiano, os quais foram reunidos nesse texto que foi lançado por William Caxton pelo menos 14 anos após a morte do autor.

Malory já demonstra logo de início que o mundo da corte de Uther era eivado por desejos que nem o próprio rei conseguia controlar: Uther se sentira atraído pela bela Igraine, mulher de seu vassalo<sup>3</sup>, a qual era tida por uma dama muito bonita e ao mesmo tempo muito discreta, além de ser fidelíssima ao seu senhor, pois não cedeu a vontade de Uther.

A figura de Igraine é de importância cabal para o contexto desta análise, pois ela será a responsável por gerar Artur. Há que se ressaltar que essa figura feminina se enquadra de forma no que a sociedade medieval e mesmo moderna (Malory escreve seu texto em fins do século XV) exigia de uma mulher de nobre estirpe. Para tanto, basta observar os adjetivos que acompanham a descrição que Malory faz dessa dama: *bonita, discreta, boa mulher*. Perfeita para o universo masculino e patriarcal do qual era oriunda e cujas normas que organizavam a representação da imagem feminina eram ditadas pelos membros do clero.

Sobre o assunto Jacques Dalarun, no texto *Olhares de clérigos*, ressalta que:

Uma vez mais, há que partir dos homens, daqueles que, nesta idade feudal, detêm o monopólio do saber e da escrita, os clérigos: e muito particularmente dos mais letrados entre eles, os mais influentes, os mais prolixos. Monges ou prelados seculares, têm a obrigação de pensar a humanidade, a sociedade e a Igreja, de as orientar no plano da salvação e de atribuir também às mulheres o seu lugar nesta divina economia. (DALARUN, 1990, p. 29).

Há que se salientar que esses homens de Deus, responsáveis pelos ditames em relação ao universo feminino estavam longe das mulheres, resguardados delas em seu universo masculino que compreendia os claustros, ou os lugares onde os copistas se debruçavam sobre velhos alfarrábios, ou mesmo as escolas e faculdades de teologia. Esses homens eram separados das mulheres, sobre as quais tinham de escrever, pelo celibato de forma que nada mais lhes resta senão figurar sobre aquilo que não conhecem, sobre aquilo que não sabem e sobre aquilo que não entendem: a mulher.

Daí o fato de olharem para a mulher com uma estranheza inerente ao seu discurso e mesmo com medo. Visto por esse prisma, não surpreende que o pensamento clerical em relação à mulher nesse período, seja prenhe de um sentimento de misoginia<sup>4</sup>. Nesse contexto, também fica notória a sensação de que não se fala ou escreve sobre uma mulher de carne e osso, sobre um ser humano, mas sim sobre um objeto, um ser “coisificado” que fica a sombra do processo histórico: a figura de Igraine não escapa desse estigma.

---

<sup>3</sup> A figura do vassalo é característica do mundo medieval e se insere em um contexto em que um nobre recebe de outro nobre algum dom (em geral terra, mas não necessariamente somente a terra), e a partir daí estabelece-se entre eles um vínculo *ad aeternum*. Somente nobres podem ser vassalos de outros nobres, esse tipo de relação social estabelecida entre os homens da nobreza é analisada por Hilário Franco Júnior na obra *Idade Média: o nascimento do Ocidente*.

<sup>4</sup> O termo misoginia, ou misógino refere-se à aversão ao que é ligado ao feminino.

A dama se nega a atender aos desejos de Uther porque tal ato colocaria seu marido em situação vexatória: a desonra dela caso aceitasse a proposta do rei, seria a desonra dele, traria nódoas sobre o emérito cavaleiro e nobre que era o seu marido. E ela prefere não denunciar ou buscar uma reparação ao ato que Uther havia cometido, e sua queixa em relação ao fato é singela:

Creo que nos han mandado venir para deshonrarme; por tanto, esposo, os aconsejo que partamos de aqui súbitamente, que podamos cabalgar toda la noche hasta nuestro castillo. (MALORY, 2005, p. 37).

A fala de Igraine demonstra com clareza o que Georges Duby na obra *Idade Média, Idade dos Homens* ressalta como sendo de cabal importância em relação à figura feminina no período: a moça, o que se procura exaltar e proteger através de uma série de interditos é a virgindade. No caso de Igraine, uma mulher casada, o mais importante é que ela se mantenha fiel: o que ser observado aqui diz respeito ao fato de que em não havendo vigilância comportava-se o risco de introduzir em meio ao grupo que constituía a parentela o filho espúrio, nascido de outro sangue (DUBY, 1990).

Ela *crê* que possam ter sido chamados para desonrá-la e mediante esse fato, ao seu marido então *sugere* que partam sem alarde. Nessa fala, Igraine demonstra o seu papel no contexto social onde está inserida: não se dá grande importância as suas lóstimas ou desmandos, afinal ela é uma mulher. Por isso apenas aconselha a partida embora saiba está sendo submetida a um assédio que não lhe agrada. Mas não pede a ninguém (nem ao marido) que exija retratação, apenas que partam dali, da forma mais discreta possível. E é o que eles fazem.

A partida as escondidas quebrou a regra da hospitalidade, tão marcante nos romances de cavalaria, e Uther exige que seu súdito se apresente novamente ao seu castelo, acompanhado de sua esposa, mas o duque de Tintagel se nega a tal ato. Então, Uther se enfureceu ao extremo e intimidou o duque a ataviar-se e preparar-se para a guerra. Quando ele recebeu essa mensagem abasteceu e guarneceu seus dois castelos Tintagel e Terrabil, colocando sua esposa Igraine em segurança no primeiro, e permanecendo ele próprio no segundo.

Não demorou muito para que Uther cercasse o castelo de Terrabil e que a batalha que adveio desse cerco trouxesse muitos mortos para ambas as partes. Entretanto, a situação não se resolveu tão rápido quanto Uther pretendia e ele caiu doente por duas razões: raiva diante de sua impotência em vencer seu inimigo e amor pela bela Igraine. É nesse momento do texto de Malory que o mago Merlim fará a sua primeira aparição.

A figura imponente de Merlim<sup>5</sup> na trama arturiana dispensa maiores comentários: basta saber que ele é quem realmente conduz a história, pois não fosse por sua ação, o próprio nascimento do rei Artur estaria comprometido. Sua interferência é

<sup>5</sup> Sobre o Merlim ver Medeiros (2006 e 2005).

que quebrou o *fatum*<sup>6</sup>, e sempre que ela aparece no enredo da história o faz de forma providencial, como se percebe da citação abaixo transcrita:

Partió Ulfius, encontró por ventura a Merlín con atavio de mendigo, y le preguntó Merlín a quién buscaba. Y Ulfius dijo que no tenía por qué decirle nada.

- Yo sé a quién busca – dijo Merlín -, buscas a Merlín; por ende no busque más, pues soy yo, y si el rey Uther se aviene compensarme bien, y jura cumplir mi deseo, será más para honra y beneficio suyo que mio, pues haré que tenga todo su deseo. (MALORY, 2005, p. 38).

E foi assim que, na versão de Thomas Malory, a mimética figura de Merlim adentrou a história para fazer com que Uther tivesse a sua noite de amor com Igraine. Quando se apresenta diante do rei Uther, Merlim é pontual em dizer que sabe muito bem o que se passa no coração do rei, pois, segundo ele, conhece cada parte desse coração. E faz com que Uther jure sobre os 4 Evangelhos<sup>7</sup>, como rei ungido que era (portanto sagrado) cumprir a vontade de Merlim para que o mago possa satisfazer a sua. Esse fato demonstra que Uther estava tão cheio de lascívia que nem mesmo quis saber o que Merlim queria: isso só ocorreu depois do juramento. De certa forma, aqui se configura a questão do pacto, tema tão caro a literatura universal em que o incauto se perde por fazer um juramento sem saber de que maneira seu objeto de desejo será alcançado (muitas vezes a duras penas e com imensos sacrifícios daquele que deseja, de forma que ao final cabe perguntar se de fato o objeto de desejo era assim tão valioso mediante os sacrifícios que exigiu), nem por que meios ele será alcançado.

Mas, uma vez estabelecido o acordo não há mais como voltar atrás e Merlim deixa o coração de Uther mais aliviado ao dizer que:

Pues aprestad – dijo Merlín -. Esta noche yaceréis con Igraine en el Castillo de Tintagel, y tendréis la apariencia del duque su marido; Ulfius, la de sir Brastias, uno de los caballeros del duque; y yo, la de un caballero llamado sir Jordans, outro caballero del duque. Pero cuidado de no hacer muchas preguntas a ella ni a sus hombres, sino decid que estáis cansado, y apresuaros a meteros en la cama, y no os levantéis por la mañana hasta que yo vaya a vos, pues el Castillo de Tintagel está a sólo diez millas de aquí. (MALORY, 2005, p. 39).

---

<sup>6</sup> Na literatura clássica greco-latina, o *fatum* está ligado ao destino, o qual não pode ser alterado ou transformado. No caso da literatura medieval, embora se perceba a herança do *fatum* em suas entrelinhas, percebe-se em vários momentos ações inerentes a questão do livre-arbítrio, ou seja, das escolhas feitas pelos seres humanos em relação ao seu destino. De acordo com essas escolhas as coisas podem seguir um caminho ou outro. Essa lógica de estruturação do pensamento já é uma marca do cristianismo no processo de constituição de uma cultura.

<sup>7</sup> A questão do juramento é de suma importância no contexto do pensamento medieval: o juramento feito não pode ser quebrado sob risco de a alma imortal daquele que o fez ir diretamente para o inferno. No caso específico dessa cena, o processo tem um peso ainda maior, uma vez que o juramento foi feito sobre os 4 Evangelhos, os quais assumem aqui a condição de relíquia sagrada.

A fala do mago Merlim aponta para uma perspectiva interessante. Ele deixa claro ao rei Uther que não fale muito e não se exponha: isso porque ele pode fazer com que Uther se *pareça* com o marido de Igraine, mas não pode fazer com que Uther *seja* o marido de Igraine. Ou dito de outra forma, Merlim pode fazer com que Uther se pareça com o outro, mas não seja o outro. Isso demonstra que o mago com sua profunda sapiência sabia das limitações de seus poderes e que no universo do medievo onde tudo é concedido a todos pela graça divina, Deus havia lhe concedido um imenso dom: Merlim é um profeta, um mimetizador, um sábio. Mas ele não pode alterar a natureza e seus elementos a seu bel-prazer. O que ele faz tem a anuência de uma força maior.

Merlim, Uther e Ulfius saem do cerco que estava sendo promovido ao castelo de Terrabil para dar início ao plano do mago. O duque de Tintagel, ao perceber a movimentação de Uther, sai do castelo para atacar o inimigo, mas acaba morto em combate. O plano segue normalmente: Uther tem sua noite de amor com Igraine (na qual Arthur é gerado) e retorna ao seu cerco pela manhã, depois que Merlim o chama. Nesse meio tempo, Igraine sabe da notícia da morte de seu marido e fica se perguntando quem então seria o homem que veio até ela com a forma do duque de Tintagel. No segredo do espaço privado que era sua alcova, Igraine chorou. Imediatamente os demais senhores da terra (todos homens) propuseram a Uther a paz entre eles e sua senhora Igraine. Uther concordou sem mais delongas, pois isso lhe interessava. Foi assim que, na versão de p., Uther e Igraine se casaram “a toda pris a uma manhã con gran alegría y júbilo” (MALORY, 2005, p. 40).

Aqui cabe uma pausa e um questionamento: alegria e júbilo de quem? Certamente não de Igraine que chorou as escondidas pelo fato de ter sido enganada. Alegria e júbilo dos homens que assistiram ao final da guerra sangrenta que ceifava vidas e que nem perguntaram a viúva se era seu desejo se casar novamente. Alegria e júbilo de Uther, que conseguiu o que queria, ou seja, a bela Igraine, e que conseguiu mais: agora ele entraria de posse das coisas que pertenciam a ela.

Georges Duby, no texto *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*, explica essa questão: no universo cavalaria, as filhas de grandes senhores feudais, de grandes duques, barões ou príncipes só conseguiam um bom casamento mediante um bom dote. Dessa forma, o cavaleiro em si, ao contrair o matrimônio com uma dessas jovens entra em posse dos bens materiais que ela possui por herança familiar. Em geral, esses bens constituem-se em grandes quantidades de terras, bem de maior valor em uma época de produção econômica eminentemente agrícola.

É assim que o autor supracitado analisa a questão:

[...] Com efeito, à esposa, que também ouve, Guilherme, o Velho, nada lega. Nem poderia legar. Pois tudo o que ele possuía, ou quase, e de que agora se despoja, pertence a essa mulher, veio dos ancestrais da mulher, e ele só teve em nome dela, ‘por sua autoridade’. E esses bens enormes o filho mais velho também os terá em mãos, até a morte dela, na mera qualidade de herdeiro legítimo. (DUBY, 1988, p. 140).

De acordo com Georges Duby, na obra *Idade Média, Idade dos Homens* os homens, principalmente o dito *pater familias* eram os responsáveis pelo destino familiar. Assim eles consideravam como um de seus direitos casar os jovens e, de preferência, conseguindo boas alianças de casamento: de um lado eles cediam as moças, negociando com o seu poder de procriação e com as vantagens que seu nome de linhagem podia ceder a futura prole, por outro lado ajudavam os rapazes a encontrar um bom partido (DUBY, 1990).

Nessa política de casamento, se buscava a esposa em outras casas, de onde ela saía da subordinação às ordens do pai ou do irmão mais velho, ou mesmo dos tios, para ser submetida às ordens de seu marido. E a situação dessa mulher, segundo a análise de Georges Duby não melhorava, conforme se auffle da citação abaixo transcrita:

[...] ainda que condenada a ser sempre uma estrangeira, um pouco suspeita de traição furtiva nesse leito em que ela penetrou, onde ela vai preencher a sua função primordial: dar filhos ao grupo de homens que a acolhe, que a domina e que a vigia. (DUBY, 1990, p. 15).

Diante do exposto, percebe-se que a “aquisição” de Igraine significava para Uther um duplo proveito: de seu desejo enquanto homem, e que por sinal não levava em conta o desejo dela enquanto mulher; e a entrada na posse dos bens que pertenciam a ela pela questão de seu dote. Daí se explica o júbilo e o contentamento da manhã do casamento, sentimentos que poderiam ser atribuídos aos homens que assistiam à cerimônia, mas que parcimoniosamente podem ser atribuídos a Igraine.

Depois do casamento e na medida em que o tempo passava, a gravidez de Igraine se tornava cada vez mais evidente, até que chegou o dia em que não podia mais ser escondida. Uther então perguntou a ela de quem era o filho que esperava: o rei só lhe pediu que dissesse a verdade, de modo que Igraine contou-lhe o acontecido no fatídico dia em que seu marido morrera ao que Uther respondeu que ele havia tomado a forma do duque de Tintagel, graças à ação do mago Merlim. Assim, desvendou-se um mistério para a rainha (mas não para o leitor ou leitora do texto de Malory) e seu filho passou a não ser mais um bastardo, fato que alegrou a Igraine: “[...] la reina tuvo gran gozo al saber quién era el padre de su hijo” (MALORY, 2005, p. 41).

Há que se ressaltar aqui duas questões importantes: primeiramente, Malory deixa a rainha em suspense. Igraine era a única a não saber sobre a ação mágica a partir da qual seu filho foi gerado. Uther e seu companheiro Ulfius sabiam do fato, Merlim havia sido o seu mentor. O leitor ou leitora de Malory acompanha a trama: somente a rainha não sabia de nada. Pode-se bem acompanhar o sentimento de angústia que emergia dessa mulher por carregar em seu ventre um filho que ela considerava bastardo. Isso poderia acarretar drásticas conseqüências em sua vida, como por exemplo, o repúdio por parte do marido. A segunda questão é inerente a primeira: ao saber quem é o pai de seu filho, Igraine se alivia. Não se deve pensar que isso tenha significado que ela se tornou uma mulher feliz, ela apenas tirou de suas

costas um peso relacionado à continuidade de uma linhagem da qual ela era matriarca.

Algum tempo depois Merlim aparece para cobrar a sua promessa e dizer a Uther que ele deve se preocupar com a criação de seu filho:

Bien – dijo Merlin -, pues sé de un señor vuestro en esta tierra que es hombre muy verdadero y fiel; él se encargará de la crianza de vuestro hijo; se llama sir Héctor, y es señor de grandes posesiones en muchas partes de Inglaterra y Gales; mandad llamar, pues, a este señor, sir Héctor, para que venga a hablar con vos, y pedidle, por el amor que os tiene, que dé a criar su próprio hijo a outra mujer, y que su mujer críe al vuestro. Y cuando el niño nazca, mandad que me sea entregado em aquella poterna secreta sin bautizar. (MALORY, 2005, p. 41).

Aqui Igraine desaparece da história, conforme Malory a concebeu. Nesse universo de amor masculino e de pedidos de um senhor ao seu vassalo, nesse mundo de amor entre iguais, não há espaço para que essa mãe lamente o filho que lhe foi retirado ainda pagão dos braços. Há que se considerar também, que a mulher de Héctor sequer é mencionada nominalmente: não se sabe como ou que tipo de sentimentos ela teve quando seu marido entregou o filho para ser criado por outrem por amor ao seu rei, nem o que sentiu quando teve de alimentar o filho do rei em seu seio.

Desse processo também se auferre que o sentimento do pai em relação a sua prole não tinha grande eflúvio: sir Héctor não questionou o rei sobre o que este lhe pedia, apenas cumpriu o desejo de Uther pelo que foi muito bem recompensado<sup>8</sup>. Assim, quando Igraine deu à luz a Artur, Merlim levou o menino para sir Héctor, que mandou que um homem santo o batizasse com o nome que se tornaria lendário.

Passados dois anos desses eventos, Uther caiu doente e seus inimigos o atacaram e provocaram muitas mortes nas fileiras de seus soldados. Mais uma vez a figura profética de Merlim aparece e ordena ao rei que ele vá ao campo de batalha, chefiando seus cavaleiros, mesmo enfermo como estava, pois sua seria a vitória. As palavras do mago mostraram-se verdadeiras, entretanto o esforço do combate prostrou o rei de forma que seus barões perguntaram a Merlim o que era mais aconselhável. Já se desenha aqui a morte do rei e a sucessão ao trono, fato que colocava todos os homens nobres em compasso de espera. Já se delineava também a ação de Merlim no sentido de garantir o trono ao filho de Uther, Artur.

Merlim pergunta em voz alta para que todos os barões desejosos de suceder o rei escutem, se será Artur, depois dos dias de Uther quem reinará com todos os direitos sobre o trono, ao que Uther responde: “A él doy la bendición de Dios y mia, y le ruego que rece por mi alma, y reclame justa y dignamente la corona, so pena de perder mi bendición” (MALORY, 2005, p. 42). Depois de dizer estas palavras como se fosse uma espécie de testamento, Uther morreu.

O texto de Malory fala que o rei “rindió el espíritu”, e que foi enterrado com

<sup>8</sup> Sobre o assunto ver Ariès (2006).

todas as honras que condiziam ao seu cargo e por ele se fizeram grandes lamentações. De fato, a narrativa que envolve a morte de Uther é muito econômica, diferente da que se percebe em outras passagens da obra, como por exemplo, a que envolve o confronto entre os irmãos Balan e Balin<sup>9</sup>.

Vacante o trono, o reino entrou em grande perigo devido à ausência de um rei: não se pode esquecer de que ninguém sabia onde estava o jovem Artur. Cada senhor de armas se fez o mais forte que podia e muitos pensaram em se proclamar reis. Mais uma vez a figura de Merlim se faz providencial, como se auferre da citação abaixo transcrita:

Entonces fue Merlín al arzobispo de Canterbury, y le aconsejó que mandara mensaje a todos los señores del reino, y a todos los gentileshombres de armas, de que debían acudir a Londres por Navidad so pena de execración; y por este motivo: por que Jesús, que había nacido esa noche, obrase con su gran merced algún milagro, ya que había venido para ser el rey de la humanidad, y señalase por esse milagro quién debía ser el rey legítimo de este reino. (MALORY, 2005, p. 43).

Observe-se que Merlim não faz a proclamação por ele mesmo: ele procura uma figura de autoridade religiosa inquestionável, e age como se fosse uma embaixada parda por trás do poder, pedindo que o arcebispo dê a notícia. Nesse ponto percebe-se a associação de duas estruturas diferenciadas de pensamento: a pagã, representada na figura de Merlim e a cristã, posta na figura do arcebispo as quais atuam de forma conjugada, criando um momento importante na trama que envolve o futuro de Artur. Assim, pode-se dizer que Artur representa o elemento onde ambas as formas de pensamento (pagã e cristã) embocam, sendo ele o híbrido que é marcado por estratos de ambas as culturas.

Todos os nobres responderam ao chamado e muitos se purificaram para que suas orações fossem mais aceitáveis por parte de Deus. Muito antes de amanhecer o dia, todos os nobres estavam diante da igreja. Depois da primeira missa e das matinas, um fenômeno maravilhoso apareceu diante de todos, conforme a citação que segue:

[...] vieron em el pátio de la iglesia, ante el altar mayor, una gran piedra cuadrada, semejante a un bloque de mármol, en cuyo centro había como un yunque de acero de un pie de alto, e hincada en él de punta, una hermosa espada desnuda, y en ella unas palabras escritas em oro que decían: QUIENQUIERA QUE SAQUE ESTA ESPADA DE ESTA PIEDRA Y YUNQUE, ES LEGÍTIMO RY NATO DE TODA INGLATERRA<sup>10</sup>. (MALORY, 2005, p. 43).

O alvoroço tomou conta dos nobres que foram falar com o arcebispo. Este, por sua vez, ordenou que todos se mantivessem dentro da igreja rezando e que

<sup>9</sup> Sobre o assunto ver Malory (2005).

<sup>10</sup> O grifo acompanha o original.

nenhum homem tocasse a espada até que houvesse acabado a missa maior. A atitude precavida do padre se explica por um motivo simples: na Idade Média, onde o sobrenatural é um companheiro cotidiano das pessoas não se sabia definir muito bem as fronteiras entre o maravilhoso, o milagre e a feitiçaria.

Feitiçaria seria toda a manifestação que envolvia a modificação da natureza, e que era envidada por agentes maléficis, como as bruxas por exemplo. Dessa forma de magia negra era profícuo manter-se distanciado. O milagre seria representado pela manifestação da ação divina envolvendo a modificação da natureza, portanto de origem benigna. Já o maravilhoso ficava na fronteira entre a feitiçaria e o milagre. Não se conseguia definir sua origem sendo, portanto, colocado sob suspeita<sup>11</sup>.

Acabadas as missas foram todos ver a pedra e a espada que nela estava fincada. Alguns, depois de ler as proféticas palavras que faziam parte do estranho conjunto, tentaram retirar a espada do lugar, mas sem sucesso. O arcebispo deixou claro então, que não estava entre eles o homem que poderia retirar a espada da pedra, mas que ninguém duvidasse de que Deus daria sua identidade a conhecer para todos os presentes. Dez cavaleiros foram escalados para guardar a pedra e pelo Ano Novo se fez uma grande justa onde se reuniram vários cavaleiros, entre eles sir Héctor e seus filhos. Um dos desafios do torneio era justamente retirar a espada da pedra.

O jovem Artur, junto com seu pai sir Héctor e seu irmão de leite, sir Kay, acudiram a justa e enquanto estavam a caminho, sir Kay percebeu que havia deixado sua espada na casa de seu pai e pediu a Artur que voltasse para buscá-la, ao que este respondeu que assim o faria de bom grado. Entretanto, quando chegou ao local, não havia mais ninguém, pois todos haviam ido ver a justa. Então só lhe restou se dirigir ao pátio da igreja e tirar de lá a espada que estava fincada na pedra, a qual ele levou ao seu irmão Kay.

Logo que Kay viu a espada soube que era aquela que estava na pedra e foi até seu pai e disse: “Señor, he aquí la espada de la piedra; por tanto debo ser rey de esta tierra” (MALORY, 2005, p. 44). Quando seu pai viu a espada voltou à igreja e ali, pediu que ele jurasse sobre os Evangelhos, dizendo como havia obtido a espada. Nesse momento ele não conseguiu manter o embuste e disse que fora Artur quem havia trazido a espada até ele. Há que se fazer uma pausa aqui para comentar essa atitude de Kay. Ele é um cavaleiro que mente. Um cavaleiro que quebra com a ética da cavalaria, mas que não consegue manter a sua atitude falsa perante a verdade contida nos textos sagrados. O medo da felonía<sup>12</sup> e da perda da alma imortal é maior. Sempre que ele aparecer na história de Artur, pois se tornará seu senescal<sup>13</sup>, age de

<sup>11</sup> Sobre o assunto ver Franco Jr. (1999).

<sup>12</sup> Felonía é o pecado de traição que condena o traidor ao inferno pela eternidade. O primeiro traidor a cometer este ato teria sido Lúcifer, arrojado por Deus, da mais alta glória celeste ao abismo escuro da danação eterna.

<sup>13</sup> O senescal é um oficial das casas nobres importantes na idade média. Entres as suas funções estava a de supervisionar festas e cerimônias domésticas, sendo, portanto, equivalente ao mordomo ou reitor. Por vezes podia possuir responsabilidades adicionais, como a administração da justiça e altos comandos militares.

forma contrária a ética na qual foi formado, distribuindo apelidos, sendo grosseiro em suas falas, ou apresentando-se a aventuras que não devem ser suas. Invariavelmente é derrotado e sofre apupos pelas suas malogradas ações.

Héctor perguntou ao jovem Artur como ele havia sacado a espada da pedra e ele respondeu que ao voltar para casa para buscar a espada de Kay, não encontrou mais ninguém ali e então se lembrou da espada fincada na pedra, a qual retirou sem nenhum esforço. Héctor declarou então que Artur deveria ser rei da Inglaterra ao que este respondeu que não entendia o motivo pelo qual deveria ser sagrado rei, pois para ele, sacar a espada da pedra era coisa que não requeria destreza alguma.

Diante dessa atitude de Artur, a resposta de sir Héctor é enfática:

Señor – dijo Héctor –, Dios así lo quiere, pues ningún hombre habría sacado esta espada, sino el que será legítimo rey de esta tierra. Ahora mostradme si podeis meter la espada donde estaba, y sacarla outra vez. (MALORY, 2005, p. 45).

Aqui se percebe a indelével vontade do Ser Supremo criando o fio condutor da narrativa. Ao se considerar a maneira se desenrola partindo da forma como o rei Artur foi gerado, passando pelo processo referente a sua criação, a morte do rei Uther, até a ação de Merlim para que o arcebispo chamasse a justa e a mágica aparição da espada, um símbolo de poder, não se pode negar que a ação divina se faz presente norteando e levando a narrativa a uma espécie de clímax o qual culminará com a consagração de Artur como grande rei. Se aos olhos do leitor moderno essa linha de narrativa parece ser um tanto infantil, pois ela se desdobra em uma argumentação que não permite surpresa, aos ouvidos dos espectadores medievais<sup>14</sup> elas deveriam arrancar suspiros e mesmo causar arrepios, pois uma boa parte dos elementos narrados fazia parte de seus hábitos cotidianos. A certeza nessa ação divina, na vontade de um Deus que norteia os caminhos do universo é uma delas.

Artur crava novamente a espada na pedra e nem seu pai, muito menos seu irmão conseguem retirá-la dali. Então ele saca a espada da pedra novamente e quando os dois homens vêem a facilidade com que Artur executa esse ato, se colocam de joelhos diante daquele que era seu rei. O jovem rapaz pergunta então porque eles, seu pai e irmão se ajoelham diante dele e Hector, assim lhe responde:

No, no, mi señor Arturo; no me llaméis así. Yo nunca He sido vuestro padre ni de vuestra sangre, pero ahora veo que sois de sangre más alta de lo que yo pensaba – y entonces sir Hector se lo contó todo, cómo había sido entregado a El para que lo criase, y por mandamiento de quién, y por entrega de Merlin. Entonces Arturo se dolió mucho al saber que sir Hector no era su padre. (MALORY, 2005, p. 45).

Aqui há que se ressaltar a lógica da construção mítica em torno da figura artu-

<sup>14</sup> Há que se considerar que em seus primórdios, as façanhas de Artur e seus cavaleiros eram narradas de forma oral, através da ação dos jograis que cantavam e encenavam essas histórias.

riana: o filho do pai desconhecido que fica durante certo tempo perdido nas brumas da ignorância quanto a sua própria origem e que um dia é alçado à realidade de sua linhagem para cumprir o seu destino, qual seja ele, liderar o seu povo<sup>15</sup>.

Héctor pede ao seu filho adotivo que ele faça de Kay, seu irmão de leite, senescal de todas as suas terras, a que Artur acede imediatamente. Depois disso, eles vão até o arcebispo para narrar a maravilha que Artur realizara, mas os barões da terra não se agradaram da mesma e criaram empecilhos visando a que o jovem, até então simples escudeiro assumisse o trono. Percebe-se aí mais uma vez a ação da construção mítica em torno da figura de Artur: embora nobre, sua condição de escudeiro era humilde, menor, o que impedia aos olhos dos grandes senhores que ele fosse sagrado rei, clara analogia a figura de Jesus Cristo, o qual foi desdenhado como sendo o Messias pela sua origem.

Os barões da terra conseguiram que se fizesse uma prova, que a espada fosse sacada novamente da pedra pelo dia da Epifania. Ninguém conseguiu retirar a espada da pedra, salvo Artur, pelo que muitos nobres se enfureceram dizendo ser aquele fato uma afronta a todos eles e conseguiram adiar mais uma vez a coroação do jovem para o dia da Candelária, onde novas tentativas por parte dos barões da terra foram feitas no sentido de tirar a espada da pedra, sendo todas elas frustradas. E assim sucessivamente os nobres iam ficando enfurecidos diante desse milagre, e adiavam a coroação de Artur para datas vindouras. Entretanto, o arcebispo aconselhado pelo mago Merlim mais uma vez exigiu ali a presença de um dos cavaleiros que mais havia sido fiel a Uther e a quem o rei falecido mais havia confiado. Foi graças à ação dessa velha guarda que o jovem Artur foi reconhecido como rei pelos demais. A força da tradição se fazia presente para honrar o passado e exigir aquilo que era seu pela força da linhagem.

É assim que Malory narra as origens de Artur até o momento em que ele é sagrado rei. Dessa parte de sua versão até o final ele conta as peripécias do então rei Artur e seu séquito de cavaleiros. A partir das linhas traçadas por este artigo pode-se perceber que o arquétipo misógino que acompanhou a mulher na patriarcal sociedade que compôs a idade média, ainda marcava com seus ditames a maneira de sentir e de pensar em relação à elas no século XVI, quando já se observava os alvares de um novo que encaminharia a humanidade para a idade média.

A partir desse prisma, talvez seja coerente dizer, junto com Jacques Le Goff, que a idade média se manteve presente mesmo depois que o ciclo cronológico marcava seu fim: a historiografia tradicional indica o final da idade média como sendo o ano de 1453, com a queda de Constantinopla, embora alguns outros historiadores datem o mesmo processo como sendo 1492, com a descoberta da América, ou mesmo 1517, com a Reforma Protestante. Jacques Le Goff no livro *Uma longa Idade Média*, defende que o final da Idade Média se deu realmente com o advento da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, seguindo assim uma escola de historiadores que

<sup>15</sup> Sobre a questão do mito ver Eliade (2004).

defende a idéia de que idade moderna teria sido apenas uma longa fase de transição, na qual os hábitos e costumes da nobreza feudal foram apenas travestidos, mas se mantiveram. O texto literário de Malory, escrito no século XVI comprova que, pelo menos em relação a mulher e a sua situação social esse fenômeno indicado pelo historiador francês é um fato inquestionável (LE GOFF, 2008).

A figura literária representada por Igraine demonstra a personificação de um ideal de mulher: fiel ao seu marido, de beleza inigualável, leal ao seu clã. Essa imagem constitui um processo de representação que marca uma projeção a qual foi além do período medieval e pode ou não corresponder a um momento histórico. Entretanto, ela significa um elemento importante, qual seja ele a exata idéia do ideal. Submissão, beleza e lealdade encerradas em uma imagem, em uma mulher, demonstrando que do mundo da imaginação nasciam (e nascem) modos de pensar e de agir os quais atravessavam (e atravessam) as fronteiras do tempo e do espaço.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. *História social da família e da criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. v. II.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*. São Paulo: Graal, 1988.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FRANCO Jr., Hilário. *Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MALORY, Thomas. *La muerte de arturo*. Madrid: Siruela, 2005.
- MEDEIROS, Márcia Maria de. *A construção da figura religiosa no romance de cavalaria*. 2006. 160p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Merlim: a cristianização da cultura pagã através da literatura. In: *Revista Ideação*, Cascavel, PR, v. 7, n. 7, 2005.